

por Vicente Vilardaga



Editor de Comportamento de ISTOÉ

BOLSONARISTAS CONTRA ROMÁRIO

O senador Romário (PL-RJ) tem feito uma carreira política discreta, distante de seu desempenho como jogador de futebol. Não é brilhante na atuação legislativa e tampouco faz alguma bizarrice. É um parlamentar mediano. Tirando o fato de estar alinhado ao presidente Jair Bolsonaro, vai seguindo seu caminho tranquilamente, pensando em uma reeleição bastante provável neste ano. Mas esse destino pode mudar. Com a intensificação dos laços com o deputado ultradireitista Daniel Silveira, os bolsonaristas não querem mais saber de Romário. Havia uma única candidatura da direita ao Senado pelo estado do Rio de Janeiro, até agora indicada para o ex-centroavante. O que parecia favas contadas pode virar uma disputa encarniçada.

Nos últimos dias, os bolsonaristas ficaram em polvorosa e começaram a atacar Romário nas redes sociais, dizendo que ele trabalha pouco, e intensificaram uma campanha em favor de Silveira, que seria candidato pelo PTB, coligado com o PL. Apesar do alinhamento de Romário com o presidente, Silveira representa o bolsonarismo raiz, mais ideológico, com arma na mão e sem papas na língua, que interessa aos defensores do regime promover. Em uma de suas principais bases eleitorais, o Rio de

Janeiro, Bolsonaro aprova colocar um candidato de estilo mais miliciano, mas tem uma relação política produtiva com o ex-jogador. Romário seria considerado fisiológico e muito paz e amor pelos seguidores mais radicais do presidente, que defendem o nome de Silveira.

Imediatista e pressionado pela base, Bolsonaro tem grande possibilidade de perder o controle sobre a situação no Rio de Janeiro. Há um movimento de radicalização nas bases do bolsonarismo em prol de um discurso ainda mais autoritário

O presidente reforça apoio ao ex-craque, mas aliados tentam impulsionar a candidatura do deputado Daniel Silveira e acirram disputa pela vaga do Rio de Janeiro no Senado

e de uma atitude intransigente e violenta contra a oposição. E Silveira simboliza essa guinada em sentido a uma ideologia de resultados, orientada por um militarismo grotesco, que busca claramente o golpe e não está nem aí para o cumprimento de protocolos democráticos. Um novo passo em direção à barbárie, Romário virou um moderado, um bolsonarista fisiológico que simplesmente aproveita as oportunidades. Já Silveira, decidido a disputar o Senado, é o cara que veste a camisa.

por José Manuel Diogo



Escritor

200 ANOS, 200 LIVROS. ANATOMIA DE UMA IDEIA

Quando no dia 11 de dezembro de 2019, entrei no quartel general do Projeto República, na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, com o livro “Brasil, uma biografia” debaixo do braço, indo ao encontro da historiadora Heloísa Starling, não tinha uma pálida ideia do que iria acontecer. Meu objetivo: convidar a professora Starling para o projeto “200 anos, 200 livros”. Escolher as 200 mais relevantes obras literárias da história do Brasil e com elas celebrar - lendo - o bicentenário da Independência. A “Helô” adorou a ideia e me falou, “menino que boa ideia, era mesmo que a gente estava precisando: livros!”. O projeto encaixava como uma luva em uma lacuna das comemorações que então não tinha projetos dedicados à literatura..

Hoje, o bicentenário da Independência se tornou muito mais que uma lista de obras. Com o apoio de especialistas e parceiros institucionais, ele tem diversos desdobramentos

Dessa forma, a (minha) Associação Portugal Brasil 200 anos, o Projeto República, contando com o apoio institucional do Instituto Camões de Portugal e outros amigos e parceiros, construímos juntos, durante inúmeras reuniões virtuais na pandemia, um dos mais notáveis projetos em que participei. Os “200 anos 200 livros, é uma fotografia exata, um daguerreótipo em páginas, um retrato em lombadas, de um Brasil diverso, moderno e global, com uma consciência cada vez mais exata do seu passado e dos desafios que enfrenta no futuro. E, hoje, os “200 anos, 200 livros” se tornou muito mais que uma lista de livros.

Com o apoio dos 169 curadores e de inúmeros parceiros institucionais ele hoje tem vários desdobramentos – um espetáculo musical que é também um podcast com música original do compositor Pedro Teixeira da Silva, “200 livros, 200 histórias”. Uma exposição fotográfica com a curadoria de Diógenes Moura, “200 livros, 200 fotos” na qual o escritor brasileiro escolhe a imagem que define cada livro e que será transformada num NFT. Uma Biblioteca Virtual que pode ser enviada por correio para qualquer lugar do mundo. Documentários na TV. Ciclos de conferências. E, mais que tudo, um lugar de reflexão sobre a língua portuguesa em vários locais espalhados pelo mundo.

Os “200 anos 200 livros” são uma celebração do bicentenário da Independência construída através da arte e da cultura, com expressão física e virtual, disponível em todos os territórios no Brasil e no Exterior, para as instituições que queiram comemorar a data magistral, é só nos contactarem: geral@portugalbrasil200anos.org.

por Marco Antonio Villa



Historiador

TEREMOS ELEIÇÕES EM OUTUBRO?

O Brasil caminha para o mais tenso processo eleitoral desde 1989, quando foram restabelecidas às eleições diretas para a Presidência da República. O clima eleitoral que sempre foi marcado pela esperança da mudança ou da continuidade democrática (como em 1998, 2006 e 2014) se transformou em um ambiente marcado pelo medo, pelo temor de que o livre debate das ideias seja substituído pela força, pela violência.

As eleições de 2018 levaram às Assembleias Legislativas, ao Congresso Nacional e aos executivos estaduais - este em menor conta -, personagens que pouco tinham relação com a política no sentido mais amplo. A renovação, na maioria dos casos, foi desastrosa. O ataque ao que foi chamado de velha política produziu uma onda extremista que adentrou às instituições moldadas pela Constituição de 1988 e envenenou o funcionamento do Estado democrático de Direito.

Pautas reacionárias que até então estavam restritas a grupos extremistas - algo até considerados folclóricos - acabaram assumindo o primeiro plano da cena política. Ocuparam durante meses e meses um tempo precioso que poderia ter sido destinado à discussão e busca de solução dos graves problemas nacionais.

Desde o processo de redemocratização e mais especialmente na última década do século XX, o Brasil teve papel relevante nos grandes temas

internacionais. Chegou a sediar a Rio-92, a maior reunião de chefes de Estado da história até aquela data. Mas - e a tragédia maior de 2018 foi a eleição de um miliciano à Presidência da República - o voto raivoso do eleitor indignado especialmente pelos escândalos de corrupção acabou produzindo, sem o desejar, a mais grave crise da história republicana.

As sucessivas ameaças ao processo eleitoral alcançaram um ponto que até coloca em risco as eleições de outubro, algo que seria inimaginável um lustro atrás. Os contínuos ataques ao Estado

Os contínuos ataques de Bolsonaro ao Estado Democrático de Direito passaram dos exageros retóricos para a prática antirrepublicana

democrático de Direito passaram dos exageros retóricos para a prática antirrepublicana.

Jair Bolsonaro sabe que será derrotado, assim como foi nas eleições municipais de 2020. Perdeu nos principais colégios eleitorais. A partir daí passou a intensificar as ações antidemocráticas pois entendeu que só permanecerá no poder se romper com a institucionalidade. Desta forma, atos como o de Sete de setembro de 2021 ou o indulto de 21 de abril deste ano não passam de momentos do processo de golpe de Estado que está em gestação. É a única alternativa para o extremismo bolsonarista se manter a qualquer custo no poder.